

LLOYD ALEXANDER

O Caldeirão Negro

as aventuras de
PRYDAIN
volume 2



Título original
The Black Cauldron

Capa
Pós Imagem Design

Revisão
Umberto de Figueiredo
Neusa Peçanha

Editoração Eletrônica
Abreus System Ltda.

2003

A376c

Alexander, Lloyd

O caldeirão negro / Lloyd Alexander . — Rio de Janeiro:
Objetiva, 2003

23 I p. (As Aventuras de Prydain; v. 2) ISBN 85-7302-
507-7

Tradução de: *The black cauldron*

I. Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura inglesa. I. Título.

CDD 028.5



LLOYD ALEXANDER



O Caldeirão Negro

as aventuras de
PRYDAIN
volume 2

TRADUÇÃO:
ANA DEIRÓ



“O mesmo tipo de lirismo e humor poético, sedutores e fantásticos, que encontramos em O Livro dos Três ilumina esta narrativa; mas aqui as conotações são mais verdadeiramente heróicas. O envolvimento do leitor é intenso à medida que a ação se desdobra, de maneira emocionante, conduzindo a um desenlace culminante de tragédia e triunfo. A leitura deste livro é uma experiência maravilhosa e engrandecedora.”

— The Horn Book Magazine




Nota do Autor

As páginas a seguir destinam-se, espero, a fazer um pouco mais do que ser apenas uma continuação às Crônicas de Prydain. “E o que acontece depois?” é sempre uma pergunta urgente, e o presente livro tenta responder a ela. Apesar disso, por uma questão de direito, *O Caldeirão Negro* deve se manter como uma crônica independente. Certas questões, anteriormente apenas sugeridas, aqui são mais plenamente reveladas; e, ao mesmo tempo em que ampliei a história, também tentei aprofundá-la.

Se um fio de tom mais sombrio entrelaça a trama do tecido habitualmente alegre e bem-humorado, é porque os acontecimentos têm grave e importante significado não só para a Terra de Prydain, mas também para o próprio Taran, o Porqueiro-Assistente. Embora Prydain seja um mundo imaginário, não é, essencialmente, muito diferente da nossa Prydain verdadeira, onde humor e desgosto, alegria e tristeza, são estreitamente entretecidos. As escolhas e decisões com que se defronta um Porqueiro-Assistente, freqüentemente confuso, não são mais fáceis que aquelas que nós mesmos temos que fazer e tomar. Mesmo em um reino de fantasia, crescer não é algo que se consiga fazer sem pagar um preço.

Os leitores que estiverem se aventurando por este reino pela primeira vez também devem estar advertidos de que, à primeira vista, a paisagem pode se parecer com a do País de Gales, e que os habitantes podem evocar heróis das antiqüíssimas lendas de Gales. Essas foram minhas



raízes e inspiração. Mas o resto é um trabalho de imaginação, semelhante apenas em espírito, não em detalhe.

Os leitores que já fizeram jornadas com Taran podem ficar tranquilos de que — e digo isto sem revelar nenhuma surpresa — Gurgi, a despeito de arrepios e tremores assustadores, e de grandes temores por sua pobre cabeça mimosa, fez questão de participar dessa nova aventura, do mesmo modo que o impetuoso Fflewddur Fflam e o desapontado Doli, do Povo Formoso. Quanto à Princesa Eilonwy, Filha de Angharad, não se precisa nem perguntar!

Fiquei feliz ao descobrir que Taran, a despeito de seus defeitos, conquistou alguns companheiros fiéis além das fronteiras de Prydain: Beverly Bond, cuja coragem nunca vacilou; Zay Borman, que temerariamente visitou os Pântanos de Morva durante uma tempestade; Carl Brandt, que tinha certeza de que Prydain existia antes de ter sido descoberta; Ann Durell, desde o começo; Max Jacobson, meu severo amigo e melhor crítico; Evaline Ness, que é dotada da visão mais esclarecida; Louise Waller, que ajudou a capinar os dentes-de-leão. E Evan e Reed, Kris e Mike, Fleur, Suzy e Barbara, Peter, Liz e Susie, Michael, Mark, Gary e Diana. E seus respectivos pais. A eles afetuosamente dedico estas páginas.

Lloyd Alexander


O Conselho em Caer Dallben

O outono havia chegado rápido demais. Nos reinos mais ao norte de Prydain muitas árvores já estavam sem folhas e, em meio a seus galhos, restavam apenas as silhuetas esfarrapadas de ninhos vazios. Ao sul, do outro lado do rio Grande Avren, as montanhas protegem Caer Dallben dos ventos, mas, mesmo ali em seu abrigo, a pequena fazenda estava se recolhendo.

Para Taran, o verão estava chegando ao fim antes de ter começado. Naquela manhã, Dallben o havia incumbido da tarefa de dar banho na porca oracular. Tivesse o velho feiticeiro ordenado que ele capturasse um guidante, feliz da vida, Taran teria saído atrás de uma das perversas criaturas. De todo jeito, ele encheu um balde no poço e se encaminhou penosa e relutantemente para o cercado de Hen Wen. A porca branca, geralmente ávida por um banho, naquele dia guinchou nervosamente e rolou sobre as costas na lama.

Ocupado com o esforço e a faina de levantar Hen Wen e fazê-la se pôr de pé, Taran nem reparou no cavaleiro até que ele puxou as rédeas do cavalo junto do cercado.

— Você aí! Menino porcariço! — O cavaleiro que o olhava com ares de superioridade era um rapazinho, apenas alguns anos mais velho que Taran. O cabelo dele era de cor amarelo tostado, os olhos negros profundos nas órbitas, em um rosto pálido e arrogante. Embora de excelente qualidade, suas roupas tinham sido muito usadas e a



capa estava deliberadamente arranjada de maneira a esconder as vestimentas puídas. Até a própria capa, Taran reparou, tinha sido cuidadosa e meticulosamente cerzida. Ele estava montado numa égua ruana, um cavalo de batalha esguio e nervoso, de pêlo branco mesclado de vermelho e preto, e crina amarela, com a cabeça comprida e estreita, cuja expressão era tão mal-humorada quanto a de seu dono.

— Você aí! Menino porcariaço — repetiu ele —, isto aqui é Caer Dallben?

O tom do cavaleiro e sua atitude irritaram Taran, mas ele controlou o temperamento e gentilmente fez uma mesura.

— É — respondeu. — Mas eu não sou um menino porcariaço — acrescentou. — Sou Taran, o Porqueiro-Assistente.

— Um porco é um porco — retrucou o desconhecido —, e um menino porcariaço é um menino porcariaço. Corra e vá avisar a seu senhor que estou aqui — ordenou ele. — Diga-lhe que o Príncipe Ellidyr, Filho de Pen-Llarcau...

Hen Wen aproveitou esta oportunidade para rolar numa outra poça de lama.

— Pare com isso, Hen! — gritou Taran, correndo atrás dela.

— Largue esta porca — ordenou Ellidyr. — Você não me ouviu? Faça o que eu mandei e trate de andar depressa.

— Vá avisar Dallben o senhor, se quiser! — gritou Taran por cima do ombro, tentando impedir Hen Wen de chafurdar na lama. — Ou espere eu acabar de fazer meu trabalho.

— Cuidado com a sua impertinência — respondeu Ellidyr — ou levará uma boa surra por causa disso.

Taran ficou vermelho de raiva. Deixando que Hen Wen fizesse o que lhe agradasse, caminhou rapidamente até a cerca e saltou para o outro lado.

— Se eu levar — respondeu furioso, jogando a cabeça para trás e encarando Ellidyr bem no rosto —, não vai ser de suas mãos.

Ellidyr deu uma gargalhada zombeteira. Antes que Taran pudesse saltar para o lado, a mana mergulhou em sua direção. Ellidyr, inclinando-se na sela, agarrou Taran pelo peito do gibão. Taran se debateu e esperneou em vão. Por mais forte que fosse, não conseguia se libertar. Foi esmurrado e sacudido até seus dentes chocalharem. Então Ellidyr esporeou a mana para sair a galope, arrastou Taran pelo relvado até o chalé e ali, enquanto as galinhas batiam em debandada, correndo em todas as direções, o atirou com violência no chão.

A comoção trouxe Dallben e Coll para fora. A Princesa Eilonwy saiu correndo da copa, com o avental esvoaçando e uma panela ainda na mão. Com um grito alarmado, ela correu para junto de Taran.

Ellidyr, sem se dar ao trabalho de desmontar, gritou para o feiticeiro de barbas brancas.

— O senhor é Dallben? Eu trouxe seu menino porcaria para levar uma surra por sua impertinência.

— Isso é besteira! — exclamou Dallben, sem se perturbar com a expressão furiosa de Ellidyr. — Se ele é insolente é uma coisa e, se deve ser castigado com uma surra, é outra. Qualquer que seja o caso, não preciso de sugestões suas.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

